

A matemática eleitoral que tira o sono de PSB e PFL

Os dois partidos podem ver suas bancadas no Congresso encolher se tiverem candidatos próprios à Presidência

Isabela Abdala e Ilimar Franco

● BRASÍLIA. De Norte a Sul, políticos estão passando o feriadão da Páscoa com lápis e papel na mão fazendo contas. Desde terça-feira passada, quando o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) decidiu flexibilizar as possibilidades de alianças regionais para quem não tiver candidato à Presidência, os partidos começaram a analisar friamente se vale a pena manterem seus candidatos à sucessão.

O PFL e o PSB, por exemplo, podem ver suas bancadas encolher, caso insistam em candidaturas avulsas. Nas contas de integrantes do PSB, hoje com 16 deputados, sem Anthony Garotinho como candidato a presidente o partido pode eleger uma bancada de 30 a 40. Com Garotinho, o número seria reduzido à metade.

A cúpula do PFL insiste na tese de que o partido não poderá ficar de fora da eleição presidencial. A pressão para a desistência de Roseana Sarney cresceu nos estados, onde a nova regra desorganizou as alianças em curso. Os deputados Inocêncio Oliveira (PE), Vilma Rocha (GO) e Gilberto Kassab (SP) fizeram as contas e concluíram que o partido teria condições de fazer uma bancada de 99 deputados se estivesse livre para fazer alianças. Engessado nos estados, no entanto, esse número pode cair em 20%.

PL crê que perderia de dez a 15 deputados

Outro grande prejudicado com a resolução do TSE foi o PT, que caminhava para uma composição nacional com o PL e outros partidos nos estados. O presidente do PL, Valdemar Costa Neto, disse que essa nova realidade derruba a aliança:

— Nossa prioridade é aumentar a bancada. Nossa avaliação é de que podemos eleger de 30 a 35 deputados, mas se fizermos coligação com Lula ou Garotinho nossas possibilidades caem para 20.

Hoje, os partidos de esquerda têm uma bancada de 116 deputados. Eles apostavam que chegariam a 150. Agora, muitos partidos estão sendo obrigados a optar entre as candidaturas presidenciais e o fortalecimento das estruturas regionais com aumento de bancadas. ■